

A COMPRESSÃO DE DESPESAS

O ministro das Finanças falou à imprensa, sobre economias. orçamentais prometendo aumentar os impostos

Recebemos ontem, assim como toda a imprensa, um convite do sr. Alvaro de Castro, na sua qualidade de ministro das finanças, para comparecermos, às 22 horas, no seu ministério.

15 minutos depois da hora marcada o sr. Alvaro de Castro, no seu gabinete ministerial, expunha aos representantes da imprensa o motivo determinante do seu convite. Era intenção sua, esclarecer largamente a imprensa, dos actos mais importantes do governo a que presidia. E de seguida, passou a referir-se pausadamente a uma das decisões do governo, que fazem parte evidentemente, das suas decisões mais importantes. Era essa decisão, que reputava de bastante importante consistia na autorização que pediu ao parlamento para não continuar a dar execução às leis que aumentam a despesa, sem criar receitas que as neutralizem. Vem a esse propósito uma divagação esclarecedora do sr. Alvaro de Castro, divagação que é mais uma triste e lamentável prova da incerteza da política administrativa dos incoerentes políticos desta terra. Essa esclarecedora divagação recordou a lei travão datada, se não estamos em erro de 1920.

Diz essa lei que não se podem aumentar receitas sem criar despesas. Os políticos que aprovaram a lei quebraram várias vezes o seu papel de travão e o carro das despesas, do Estado avançado, numa doida carreira pela ladeira infeliz das esbanjamentos. «Falar vilanagem» ou antes é impossível de se fazer, tam incomensurável o número representativo dessa inconcebível e fantástica despesa que, humanamente aplicada, daria em resultado não haver possibilidade dum único pobre à superfície da terra, acrescentando que só por esse facto desapareceria o crime cuja causa, se bem reflectirmos, acharemos que é devida ao pauperismo que origina todas as misérias morais e materiais que concorrem para a degradação das criaturas humanas e sem as quais os grandes senhores e os tiranos não poderiam existir bem assim aquelas misérias satanás que são ainda hoje oapanhão trivel dos produtores da riqueza universal.

Já vai muito prolongado este duplo artigo, razão que me obriga a terminá-lo.

O povo «simples» que aprende nêle, se quizer e puder, o que a minha observação imparcial e as minhas poucas luces me ensinaram a dizer-lhe, afirmo que sem ódio ao burguês ao profissional fardado, mas intrínseca e irreduzível na minha revolta permanente contra a burguesia e o militarismo, que a defende e ampara, duas entidades sobretudo prejudiciais e maléficas que há de desaparecer da superfície da terra como outros pavosos flagelos desparecerão dum vez por todas, quanto é certo que a humanidade, com vontade ou sem ela, hâde tornar-se moralmente perfeita e materialmente feliz, jâ tarda muito mais, como tudo leva a crer.

José BENEDY

Trabalhadores:
LEDE A «BATALHA»

Interesses de classe

Operários alfaiates

Convite aos seus militantes

Realizou-se amanhã, segunda-feira, às 21 horas, uma reunião dos militantes da classe em conjunto com a Comissão de Melhoramentos, vem esta comissão apelar para todos os militantes, pedindo a sua comparecência em face da necessidade que há de pôr em prática trabalhos tendentes ao levantamento do Sindicato e ao desenvolvimento tanto moral como material da classe e para os quais se torna indispensável ouvir a opinião e conselho daqueles que não só pela sua vontade de acertar como pela sua longa experiência da vida sindical podem contribuir para o bom êxito dos trabalhos a realizar.

Basta olhar para o enunciado dos assuntos a tratar na citada reunião e que são: situação moral e material da classe; questões de organização; intensificação da propaganda sindical e outras que porventura surjam, para se avaliar da importância da reunião de amanhã e para que esta Comissão esteja convencida de que os militantes dum classe que já foi alguma coisa dentro da organização lisboeta, não faltam ao cumprimento dum dever sagrado, o qual consiste em vitalizar este sindicato, colocando-o muito acima de todos os obstáculos que porventura possam impedir os mesmos de comparecer amanhã.

Os camaradas que por lapso não foram convidados por escrito ou verbalmente são também convidados a comparecer a esta reunião. — A Comissão de Melhoramentos.

BODOS

Uma comissão de vendedores do mercado da Praça da Figueira, que se cotou para comprar uma coroa que foi deposita no funeral de Maria Rosa de Sousa, assassinada pelo seu marido, António da Praça, distribui hoje, pelas 13 horas, um bodo aos pobres do salão existente da compra dessa coroa.

Foram-nos oferecidas cinco senhas para o bodo, que agradecemos em nome dos contemplados.

A distribuição efectuar-se há à hora indicada na rua dos Fanqueiros, 350, loja.

Também o Centro Republicano Social da Pena, com sede na Calçada de Santana, 114, 1.º Esc., distribui hoje um bodo a 50 pobres, pelas 14 horas, comemorando a passagem do seu 18.º aniversário. Agradecemos as três senhas que nos foram enviadas.

SEÇÃO TELEGRÁFICA

Federações

METALÚRGICA

Sindicato de Portimão. — Recebeu-nos o ofício. Segue expediente.

Sindicato de Faro. — Segue o que pediram.

1.º Congresso das Escolas Técnicas do País

Reúne novamente hoje, pelas 14 horas, a Comissão Executiva deste Congresso para continuação dos seus trabalhos, no edifício da Escola Industrial de Fornace Benedito.

Desafios amigáveis

No campo do Hockey Club de Portugal, nas Laranjeiras, jogam hoje, pelas 10.30, a 1.ª categoria do Atlético Clube Caixa dos contra o Grupo Sportivo «Estrelas».

Desafios amigáveis

Impressores Tipográficos. — A Comissão pro bandei a reunião amanhã, às 21 horas, na sede sindical.

Inscritos Marítimos. — Pessoal de Câmaras. — Para eleição dos corpos representantes do ano de 1924 a 25, e nomeação do delegado da classe, reúne em assembleia geral, amanhã, pelas 20 horas.

Sporting contra Benfica, árbitro o sr. Duarte e Eduardo Martins; suplentes, Augusto Guedes e João Faria.

Os novos eleitos tomarão posse dos seus cargos depois de amanhã, pelas 21 horas, na sede do clube, travessa de São Domingos, 39.

PARA HOJE

Campeonato da Associação

1.ª categorias. — No Campo Grande, às 13 horas, Casa Pia contra Império; árbitro o sr. Carlos Pereira. Ás 15, Sporting contra Benfica, árbitro o sr. Salvador do Carvalho.

Os sócios do Benfica tem entrada gratuita nestes desafios.

Sporting contra Benfica, em Benfica, 2.ª categorias: ás 13, 3.ª ás 15 e 4.ª ás 11.

Império contra Casa Pia, nas Laranjeiras, 2.ª categorias ás 15; 2.ª ás 13 e 4.ª ás 11.

Promoção

1.ª categorias, em Marvila A: Ondamental contra Bom Sucesso, ás 13; Fósforos contra Sacavense, ás 15.

Operarios cortadores. — Realiza-se terça-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Aprovação do relatório e contas da gerência do ano de 1923 e o parecer do conselho fiscal; 2.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1924; 3.º Eleição do delegado à União dos Sindicatos Operários.

Operários alfaiates. — Reúne terça-feira, pelas 21 horas, a assembleia geral para discutir o relatório moral e financeiro da comissão revisora de contas. Sendo esta a segunda convocação torna-se necessária a comparecência do maior número de sócios.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Reúne-se sem falta ás 14 horas, para tratar duns assuntos ligados ao J. N. Cebola.

Alpiarça. — J. N. Cebola. — A importância que dai recebemos e já encontra-se a ser pagada ao J. N. Canha foi de 180\$00.

A BATALHA

Coliseu dos Recreios
HOJE — 2 sensacionais espectáculos 2 — **HOJE**
A's 14.30 horas (2 e meia)
Grandiosa matinée | **Deslumbrante soirée**
GRANDE E EXTRAORDINARIO SUCESSO DA
NOVA COMPANHIA DE CIRCO
ULTIMAS NOVIDADES **ULTIMAS NOVIDADES**
AVISO. — Não se cedem hoje entradas de favor. — A bilheteira da general para o espectáculo da noite abre a venda ás 10 horas (4 da tarde).

APOLO

Telefone N. 4129

TODAS AS NOITES

FRUTO PROIBIDO

(REVISTA FANTASIA)

O MAIOR DOS ÉXITOS

pela peça, música, desempenho,

scenários e guarda roupa

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federación dos Empregados no

Comércio. — Comissão de Démarches

— Reúne na p. 2, quinta-feira, esta co-

missão, com a comparecência de todos os

componentes.

Entrando-se na ordem de trabalhos é

lido e apreciado diverso expediente a

que se deu o devido destino.

Sobre um ofício da Junta do Norte

pedido para que o Inspector do Tra-

balho passe os cartões para a fiscaliza-

ção no Pó-to, deliberou-se entrevistar

na próxima semana o ministro do Trabalho, sobre o assunto.

Em seguida foi discutida por todos os

presentes a forma mais viável de se

fazer interessar a classe dos empregados

no comércio em todos os assuntos de

reivindicação, tendo sido adoptado

para todos os trabalhos a executar, o

seguinte programa minimo:

1.º Horário de trabalho: a) intensificar a fiscalização;

b) procurar saber quem cumpre o artigo 17.º da lei;

c) diligenciar por um novo regulamento

decreto n.º 5516 com intervenção

dos interessados.

2.º Tratar do descanso

semanal; a) intensificar a fiscalização

da lei; b) diligenciar para a alteração do

regulamento; 3.º Contrato de tra-

balho e correlativos; a) diligenciar pela

efectivação deste número; 4.º Bósnias Sociais, de Trabalho; a) procurar dar

nova estrutura para este organismo

5.º Resolver todos os assuntos de in-

teresse geral em que esta Comissão te-

nha de intervir.

Para coligir todos os trabalhos de

dependentes deste programa minimo, Fer-

reira Cabecinha, apresentou uma pro-

posta para se nomear uma Comissão de

Redação saída do Conselho Geral da

Federación dos Empregados.

Entra-se em seguida a nomeação de

mesa de assembleia geral e conselho

fiscal, que ficaram assim constituídas:

Assembleia geral, José Marçal e José

Rodrigues Simões; Conselho Fiscal, José

Jacinto, Inácio Martins e José Roseta.

Em seguida o secretário geral da

União dos Sindicatos, a convite da co-

missão administrativa realizou uma pre-

quena palestra que é escutada com

grande atenção.

Sindicato da Construção Civil do

Porto. — Reúne em 21 do corrente a assembleia

geral desse sindicato. Faz-se da

palavra o secretário geral que demonstra

a utilidade dos sindicatos e fissa os direi-

tos e deveres dos seus componentes. E

faz-se cópia dum ofício enviado ao sindicato

Metalúrgico de Olhão sobre

um assunto pendente entre aquele sindicato

e alguns operários soldados

desta cidade, ficando a resolução

definitiva a ser tomada.

Entrando na ordem dos trabalhos

para que foi convocada a assembleia,

a condenação do morte Pedro Mateu

e Luis Nicolau, e ainda sobre as prisões

arbitrárias dos camaradas Manoel J. de

Sousa e Silva Campos, foi aprovada

uma moção de protesto nesse sentido.

Procede-se em seguida a nomeação de

mesa de assembleia geral e conselho

fiscal, que ficaram assim constituídas:

Assembleia geral, José Marçal e José

Rodrigues Simões; Conselho Fiscal, José

Jacinto, Inácio Martins e José Roseta.

Em seguida o secretário geral da

União dos Sindicatos, a convite da co-

missão administrativa, realizou uma pre-

quena palestra que é escutada com

grande atenção.

Centro Republicano Radical.

— Reúne amanhã na sede do Centro</div

ABATALHA

CRÓNICA DO PORTO

Nada de aflições

Um honrado assambassador que atira para as costas dos operários as culpas da carestia.

Mais nra da Câmara Municipal...

PORTO, 25. — Um empregado de armazém, em nome dos seus camaradas, dirigiu-se ao respectivo assambassador-patriarca a solicitar-lhe um pequeno aumento nos seus irrisórios vencimentos. Argumentou como pôde, mas basando-se sempre na ininterupta galgagem que o custo da vida leva...

O comerciante encarou a reclamação com um sorriso escarrancio e respondeu: parece impossível que vocês não compreendam que as constantes reclamações do operariado é que tem levado os pais a esta situação deplorável, em que se encontra. Se não fossem os aumentos de salário, a vida não estava tam cara e a divisa cambial não estaria tam má. No entanto, os teatros estão sempre cheios de operários e em melhores lugares do que nós...

O trabalhador não hesitou. Paulatinamente, foi enumerando os gêneros do estabelecimento que subiram de custo 60, 70, 80 e mais vezes, não sem aludir aos que, dentro dumha semana, treparam 40 e 50%... Provando que os salários dos seus camaradas e o seu apetite aumentaram 10 a 12 vezes, arrumou: «se todos os operários da cidade do Porto tivessem o direito de frequentar o teatro uma vez por ano, o senhor veria que as casas despectuais eram visitadas por mais trabalhadores. Eu, que já há seis anos não sei o que é ir ao teatro, não deixo, todavia, de reconhecer o direito que me assiste de apreciar um pouco de arte. Por minuto que os trabalhadores «gozem», eles não são novos ricos, nem possuem palácios ou automóveis. E já-não fala em aman-

tes caras...»

O negociante, que não esperava pela resposta do seu humilde empregado, pôs-se da cérca de um tomate e replicou: «Isto são coisas que você lá aprende pela União dos Empregados no Comércio, cujos «bolchevistas» andam para lá fazer barulho pelas 8 horas, a fim de fazerem o menos possível... Contudo, a aprender esses discursos, que anda bem». Depois dirigiu umas extravagâncias ameaças, dando a entender que talvez o não queira em casa, por saber das tráfigas, tanto como ele...

Mas, por enquanto, aguardamos o resultado da violência...

Aí isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

MÚSICA

SOCIEDADES DE RECREIO

Concertos no Politeama

E' o segundo o programa completo do concerto que hoje excede no Politeama a Orquestra Sinfônica de Lisboa, sob a regência do ilustre mestre Fernandes Fão, concerto em que colabora a notável pianista Schipa Viana, 1.ª parte—«Giuvendine», abertura, Chabrier; «Valsa Triste», Sibelius; «París», encanto de sexta feira santa, Wagner; «Leonor», abertura n.º 3, Beethoven.

2.ª parte—«Concerto» (op. 16) para piano e orquestra, Orieg, 1.º alegro muito moderado 2.º Adágio 3.º Alegro molto e molto marcado Piano solo: pela ilustre pianista Schipa Viana.

3.ª parte—«Ode à Bélgica», Theóphilo Saguer, I—Belga invadida, II—Ronda de Bruges, III—Belga Heroica; «Prelúdio para Órgão», Leon Lamet; 1.ª audição, instrumentação de Sampaio Ribeiro; «Rienzi», abertura, Wagner.

Club Recreativo «Os Chorões». Hoje há baile, com acompanhamento a piano.

SOLIDARIEDADE

Pelo Sindicato dos Trabalhadores Russos de Arraiolos foi aberta em favor dos presos por questões sociais uma queite que rendeu 25000 e já foi enviada ao seu destino.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18. Junto ao arco pequeno.

Sylvest fazia a barba a Diavolo... Tôdas as vezes que o escravo tinha à sua disposição a garganta do senhor, na qual percorria o fio da navalha, preguntava a si mesmo, com admiração, se era por um excesso de confiança nos seus escravos, ou por desprêzo para com elas, que um senhor, muitas vezes desumano, punha assim todos os dias a vida à disposição de qualquer deles; mas Sylvest teria sido incapaz de se vingar por meio de um tam cobarde assassinio!... Ora, enquanto fazia a barba a Diavolo a conversação, continuava dêste modo entre ele e Norbiac:

—Venho, disse o jovem gaulês, dar-lhe uma má notícia e pedir-lhe um obsequio, meu querido Diavolo!

—Primeiro ouviremos a má notícia, depois falaremos do obsequio que espera de mim... O pesar antes do prazer...

—Ah! meu amigo! só os romanos é que são capazes de dar as coisas um tom agradável: *O pesar antes do prazer...*, repetiu Norbiac parecendo encantado. Quantos somos bárbaros nós outros dessa grosseria e selvagem raça gaulesa!... Enfim, seja primeiro que tudo, a má notícia.

—E qual é ela?

—Acabo de saber por um dos meus amigos, que chegou do centro da Gália, que o nosso valoroso exército romano se pôz a caminho para voltar à Itália...

—O senhor diz o nosso valente exército romano? o senhor, gaulês conquistado? replicou Diavolo rindo. Isso é que é ter um coração pacífico!

—Certeza, o nosso valoroso exército romano...; pois não é, efectivamente o nosso valoroso exército? o nosso querido exército? o protector da nossa segurança e dos nossos prazeres?... Se ele se retira, conforme a ordem tam funesta que acaba de dar Octávio Augusto, veremos talvez renascerem as perturbações...; as miseráveis populações do centro e do oeste da Gália, comprimidas a grande custo, tentarão sublevar-se ainda à voz dos seus endiabradados druidas!... Então novos chefes dos temores, novos Ambiorix, novos Drapés, sairão das entradas da terra; a revolta ganhará ter-

TEATROS & CINEMAS

A BATALHA

NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

NACIONAL O PASTELERO DE MADRIGAL, tragi-comédia histórica de Augusto de Lacerda.

Nem sempre o sr. Augusto de Lacerda tem sido feliz nas peças que o de tempos a tempos oferece ao público,umas vezes porque a plateia não se integra conscientemente no gênero histórico que representa a principal preedição do dramaturgo, outros porque a mesma porque o autor as trata não tem a leveza necessária a conquistar este público lisboeta tão superficial e comedista.

Mis, ou num caso, ou nouibiro, uma grande qualidade se não pode negar ao teatro o sr. Lacerda, é a técnica segura que os anos de prática lhe trouxeram a mistura com certas facilidades de esquadrinhador, que, se apresentaram aqui e ali falhas, provem quais exagerações de ser o sr. Lacerda a mais um compilador de factos, de que o outono iluminou a crônica porventura a crítica, do que um investigador na acepção precisa do termo que faz incidir a essas observações sobre pontos mais directos e a quem não contenta a simplicidade constatação, mas antes procura encaminhá-los num sentido ilactivo. Resulta disto que as figuras históricas que o sr. Lacerda tem em movimento no seu teatro, se ressentem em certos casos do ambiente e das circunstâncias e em que o historiador ou simples romancista lhes dá vida. Ora, com «O pasteleiro de Madrigal» o reparo não pode ser tão severo, porque o sr. Augusto de Lacerda manifesta mais cuidado na retratação das personagens históricas que nela aparecem, e sem dúvida nos habituais exageros de outros comediantes que entendem que para fazer força é indispensável carregar fortemente a os tipos, e dali o cambiante com que elas vieram até ao presente, sem necessidade do grotesco que bastantes vezes redundam em deturpação.

E bem andou em chamar à peça tragédia, porque outra coisa ela não se faz naquele «mélange» de acrisolado patriotismo, como se diria hoje, e de ridículos indecências quaisquer inverossimilares, que permitem que o Conde de Redondo, o Duque de Aveiro e Dr. Rodrigo de Lencastre tenham dúvidas sobre a autenticidade do desaparecido de Alcâcer seu companheiro de armas, com quem privaram na corte e em quem a mutação de personalidade física não poderia ser tanta que até a própria voz se desfigurasse, porque não dizem que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre... E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... E' que, para aumentar — justamente — uns centavos aos bombeiros municipais, quer que as empresas teatrais principiem a cobrar uma pensada contribuição ao «respeitável» público, juntamente com os pesos dos bilhetes...

Ora as empresas, fingindo-se muitas e falam na influência que o teatro desempenhou na Revolução Francesa, modernamente, na Revolução Bolxevista russa...

Quer as perceber a tôdas...

E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre...

E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... Ah! isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

O PASTELERO DE MADRIGAL, tragi-comédia histórica de Augusto de Lacerda.

Nem sempre o sr. Augusto de Lacerda tem sido feliz nas peças que o de tempos a tempos oferece ao público,umas vezes porque a plateia não se integra conscientemente no gênero histórico que representa a principal preedição do dramaturgo, outros porque a mesma porque o autor as trata não tem a leveza necessária a conquistar este público lisboeta tão superficial e comedista.

Mis, ou num caso, ou nouibiro, uma grande qualidade se não pode negar ao teatro o sr. Lacerda, é a técnica segura que os anos de prática lhe trouxeram a mistura com certas facilidades de esquadrinhador, que, se apresentaram aqui e ali falhas, provem quais exagerações de ser o sr. Lacerda a mais um compilador de factos, de que o outono iluminou a crônica porventura a crítica, do que um investigador na acepção precisa do termo que faz incidir a essas observações sobre pontos mais directos e a quem não contenta a simplicidade constatação, mas antes procura encaminhá-los num sentido ilactivo. Resulta disto que as figuras históricas que o sr. Lacerda tem em movimento no seu teatro, se ressentem em certos casos do ambiente e das circunstâncias e em que o historiador ou simples romancista lhes dá vida. Ora, com «O pasteleiro de Madrigal» o reparo não pode ser tão severo, porque o sr. Augusto de Lacerda manifesta mais cuidado na retratação das personagens históricas que nela aparecem, e sem dúvida nos habituais exageros de outros comediantes que entendem que para fazer força é indispensável carregar fortemente a os tipos, e dali o cambiante com que elas vieram até ao presente, sem necessidade do grotesco que bastantes vezes redundam em deturpação.

E bem andou em chamar à peça tragédia, porque outra coisa ela não se faz naquele «mélange» de acrisolado patriotismo, como se diria hoje, e de ridículos indecências quaisquer inverossimilares, que permitem que o Conde de Redondo, o Duque de Aveiro e Dr. Rodrigo de Lencastre tenham dúvidas sobre a autenticidade do desaparecido de Alcâcer seu companheiro de armas, com quem privaram na corte e em quem a mutação de personalidade física não poderia ser tanta que até a própria voz se desfigurasse, porque não dizem que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... E' que, para aumentar — justamente — uns centavos aos bombeiros municipais, quer que as empresas teatrais principiem a cobrar uma pensada contribuição ao «respeitável» público, juntamente com os pesos dos bilhetes...

Ora as empresas, fingindo-se muitas e falam na influência que o teatro desempenhou na Revolução Francesa, modernamente, na Revolução Bolxevista russa...

Quer as perceber a tôdas...

E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre...

E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... Ah! isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre...

E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... Ah! isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre...

E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... Ah! isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

E depois disto tudo, vem-nos um «economista» dizer que entre nós não há especulação cambial, que o mal reside em coisas externas, que toda a gente é honrada, incluindo os banqueiros, coitaditos, e que, portanto, as comissões dimanadas das forças do «ólio vivo», não tem razão para a especulação da bolsa... tanto mais que tem telhados de vidro...

Tudo depende dos homens de Estado... diz o «economista» célebre...

E' merda desta doce opinião, que no Grande Hotel do Porto continuam com bastante «entraîne» os «chás-dansantes» da alta aristocracia portuguesa, dunsário estúrdico que mais se aristocratizará quando lá estiver hospedado o sr. presidente da república... em honra de quem e não dos mortos que tem telhados de vidro...

Quer as perceber a tôdas... Ah! isto passou-a acolá para os lados da rua de São João, galeria dos bacalhoeiros em grande...

A Câmara Municipal, porém, tem de outro pensar à cerca do teatro: entendem com afan, bem como para elas que ele é um mero passa-tempo de ociosos e endinheirados.

Nada de aflições...

